

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

O Valor da Cópia na Arte

Francine da Cunha Souza de Lima – IFRJ

Resumo: São valorizados na arte aspectos como originalidade e criatividade, o que para nós, formados a partir dessa premissa não é novidade. Isso poderia justificar, por exemplo, porque as obras de arte contemporâneas seriam tão contestadas pelo senso comum - "isso até eu faço" é uma frase que sempre ouvimos. Assim também acontece com as artes populares consideradas artesanato, como algo menor, e cujo valor inclusive parece estar mais na repetição, neste caso tida como tradição do que pela originalidade cultural de certos povos. Deste modo, poder-se-ia conceber que não há arte na cópia. Que não há valor naquilo que imita um "original" e assim todas as cópias que historicamente foram feitas de obras primas serviriam apenas para méritos educativos ou informativos. Há de fato cópias de obras de arte que se colocam ou até mesmo que suplantam os próprios originais e as quais é dado um grande valor de mercado. As questões que aqui serão tratadas partem do pressuposto de que a cópia também é obra e o que as coloca neste patamar são questões específicas no tempo e no espaço em que foram produzidas. Não há como fazer este caminho de reflexão sobre a cópia e até mesmo sobre a arte e o seu valor sem definir cada um destes aspectos. Portanto, serão encontrados no decorrer deste texto, definições, reflexões e referências sobre, respectivamente: a primeira concepção teórica de arte, o clássico como parâmetro para arte, o consumo em tempos de globalização, e finalmente, a cópia como obra prima.

Palavras Chave: Arte; cópia; Pintura.

ARTE COMO CÓPIA

> *Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios pelos mestres, para difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro.*
> **Walter Benjamin**

Mimese. Assim a arte foi definida pela primeira vez. O termo formou-se segundo as ideias de Platão: o lugar do artista seria o daquele que imita a realidade e a realidade, por outro lado, "imita" o plano ideal - lugar onde as ideias originais existem, lugar onde habita a verdade. De acordo com as palavras dele:

> Era a esta conclusão que queria conduzir-vos quando dizia que a pintura, e costumeiramente toda espécie de imitação, realiza a sua obra longe da verdade, que se relaciona com um elemento de nós mesmos que se encontra afastado da sabedoria e não se propõe, com essa ligação e amizade, nada de saudável nem de real. (PLATÃO, 2018, p.438).

É interessante pensarmos que desde cedo somos educados a amar a arte por sua face de originalidade, de criatividade e, assim sendo, seria estranho pensar que

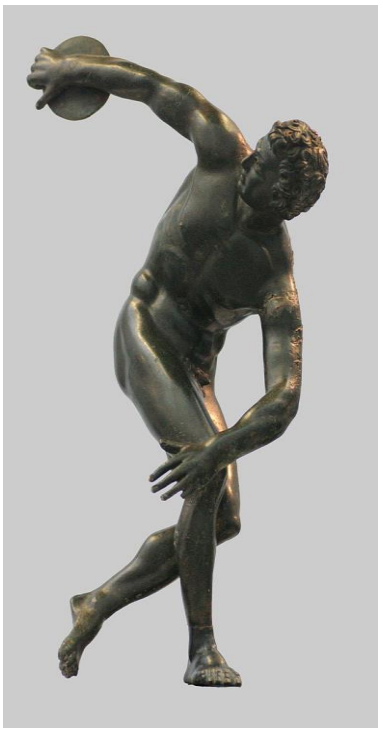
sua primeira definição a trata como cópia. Por outro lado, se observarmos a história da arte, vemos algumas questões interessantes sobre como a cópia (como algo que imita não um plano ideal, mas que imita algo real, palatável, o objeto de fato) se apresenta de modo constante e que mesmo assim mantém o seu valor.

Um exemplo que podemos analisar é em relação à construção da concepção do clássico. De acordo com Argan, o clássico "*está ligado à arte do mundo antigo, greco-romano, e àquela que foi tida como seu renascimento na cultura humanística dos séculos XV e XVI*" (ARGAN, 1992, p. 11). Se assim considerarmos o clássico, que é uma referência indispensável na arte, tendo a todo momento sua relevância reforçada ou contraposta, podemos verificar de que modo isso chegou até nós no que se refere às peças produzidas pelos gregos. Para Gombrich, "*Muitas das mais famosas obras de arte clássica que foram admiradas em épocas mais recentes como representativas dos mais perfeitos tipos de seres humanos são cópias ou variantes criadas nesse período, meados do século IV a.C."* (GOMBRICH,1978, p.71)

Isso quer dizer que nossa principal referência de arte se construiu a partir de observação de cópias. O melhor disso é que foi possível sermos conscientes deste fato e assim podemos analisar a maneira como essas cópias foram feitas e ainda, como algumas foram "mal feitas".

> Embora não haja dúvidas quanto ao fato de os romanos terem criado uma arquitetura nova e arrojada, a questão da originalidade de sua contribuição à escultura tem provocado debates acalorados, por razões perfeitamente compreensíveis. Uma preferência pela decoração opulenta, tanto exterior quanto interior, levou à importação indiscriminada da estatuária grega, quando fácil de obter, ou à cópia em massa dos modelos gregos - às vezes até mesmo egípcios. Existem categorias inteiras de escultura romana que merecem a designação de "ecos desativados" das criações gregas, esvaziados de seu significado original e reduzidos à condição de obras de uma apurada perícia.(JANSON; JANSON, 1996, p.73)

Algumas cópias romanas de esculturas gregas. É possível notar, além do material usado para reproduzir, a diferença entre as posições da cabeça e a base junto às pernas da segunda para manter-se de pé.



O Discóbolo de Miron. Reprodução romana em Bronze (séc. II). Giptotecade Munique.



Cópia Townley em mármore. Museu Britânico

De acordo com Hauser (1998) foram os romanos que iniciaram a cultura do colecionismo e que o mercado de arte teria começado a se movimentar a partir daí. Gostavam de admirar, adquirir e exibir arte, mostrando assim seu gosto e cultura elevados.

> ... a nobreza como a burguesia procuram apropriar-se dos ares principescos e imitar, nos limites mais modestos da sua própria arte, o estilo teatral e pomposo das cortes. (...) Junto aos talheres de cerâmica, que em parte trabalham já em forma massiva, começa, em grande escala, a cópia das maiores obras da escultura. (...) Essa tarefa de cópia deve ter se desenvolvido sem dúvida numa estreita relação com as obras originais. Porém, naturalmente, os artistas que se encontravam obrigados a copiar se entregavam com facilidade ao puro jogo de diferentes estilos e formas. (HAUSER,1998 ,p.137 tradução da autora)

Essa preocupação romana com a cópia, com o estilo e com o consumo, se-

gundo Hauser (1998) se dava pela essência da formação romana no que concerne a liberdade do cidadão. Diferentemente do cidadão grego, não havia sentido o pertencimento à Pólis, e sim na opção de escolher e de poder progredir socialmente, o que era demonstrado por meio de uma sociedade eclética e que valoriva as relações mercadológicas.



Venda de Torre Eiffel como objeto decorativo em loja popular. Disponível em http://dascoisinhas.com/2015/03/visitinha-ao-saara-no-centro-do-rio-de-janeiro/. Acesso em 15/07/2018

Se compararmos com o que temos hoje, é possível perceber como as questões de gosto e a vontade de aquisição ainda imperam. É possível graças a cultura do consumismo e à industrialização que qualquer um possa mostrar suas preferências por alguns objetos representativos e ter a ilusão de que possuir pressupõe cultura, ou simplesmente demonstra apenas disposição para apreciar o que considera belo. Um exemplo que podemos citar é a torre Eiffel. Representando a França e assim todo o glamour que a ela é empregado numa sociedade formada pela base ocidental/europeia, tornou-se, como miniatura, um objeto a ser consumido em massa, e sua função é apenas decorativa. Deste modo, é possível a qualquer cidadão “possuir” a Torre Eiffel, sendo encontrada em “variadas formas e cores” nas “melhores lojas do ramo” (as quais são o típico exemplo da avalanche chinesa de produtos no mun-

do, demonstrando a quem estão condiconadas as questões de mercado na atualidade)

Para esse tipo de objeto foi criado uma definição - *Kitsch*. Assim Sêga conceitua o termo:

> Apesar de ter mais de um século de existência, a palavra kitsch ainda apresenta alguma confusão em seu significado, sendo muitas vezes interpretada como sinônimo de brega. Entende-se que uma coisa é brega quando está relacionada ao mau gosto. Este conceito não se estende necessariamente ao kitsch. Mesmo que muitos atribuam ao kitsch o conceito de mau gosto, nem sempre esse mau gosto é evidente aos olhos do consumidor ou do indivíduo que faz uso do kitsch, principalmente se o objeto for uma réplica do original. Um típico exemplo é uma reprodução de um pintor famoso vendida na loja de um museu ou mesmo em frente a ele. De certa forma, pode-se considerar um objeto kitsch se ele apresentar uma ou mais das seguintes características: 1) imitação (de uma obra de arte ou de um outro objeto); 2) exagero na linguagem visual ou na linguagem verbal); 3) ocupação do espaço errado (um carrinho de pedreiro usado como jardineira em um canteiro de jardim); 4) perda da função original (uma garrafa de vinho usada como castiçal). (SÊGA, 2018, p.54-55)

Poderíamos dizer que à maneira da época o *Kitsch* já existia na Roma antiga, em relação às cópias das esculturas, no entanto, é na sociedade de consumo atual que se disseminou devido à industrialização e globalização.

Segundo Calabrese (1988) a razão pela qual a repetição (e poderíamos incluir aqui também a imitação, a cópia, a seriação) é uma constante nos dias atuais se deve à otimização econômica e também porque, de acordo com as próprias palavras dele, "*serve muitíssimo bem para o controle social*" (CALABRESE, 1988, p. 43-44).

Antes, porém, de perceber a questão da repetição artistica e suas relações de mercado é preciso pensar como a própria arte se identifica com a ideia de repetição e porque não dizer, com a cópia.

O VALOR DA CÓPIA

Segundo Janson e Janson, a originalidade:

> ...é aquilo que distingue a arte da destreza. Infelizmente, é também de definição bastante difícil; os sinônimos comuns - unicidade, novidade, ineditismo - não nos ajudam muito, e os dicionários dizem-nos apenas que uma

> obra original não deve ser uma cópia. Assim, se quisermos avaliar as obras de arte segundo uma "escala de originalidade", nosso problema não será decidir se determinada obra é ou não original, mas sim estabelecer exatamente *quão* (grifo do autor) original ela é. (JANSON;JANSON, 1996, p.9)

Sabemos que há entre as artes aquelas que se identificam pela repetição, como a gravura e a fotografia. Poderíamos incluir ainda o teatro ou a dança como artes da repetição de passos e movimentos no espaço/tempo, ou a música, em seu ritmo.

Há que se considerar a diferença no que se refere então, à cópia e à repetição no sentido de reprodução. Reproduzir pressupõe série, pressupõe limite de quantidade e matriz, ao contrário da cópia que se dá como algo que busca em uma referência a imitação, independente de quantidade.

Sendo assim, partindo dessa definição, iremos considerar aqui alguns exemplos de cópias que se deram na pintura e dessa maneira as formas e as questões que envolvem alguns casos, analisando-os a partir das seguintes perspectivas: o artista produzindo cópias da própria obra; o artista produzindo cópias de outros; o artista usando cópias impressas de outras obras para realizar a sua; e obras que se firmaram por meio de cópias.

Um exemplo do primeiro caso, no qual o artista produz uma cópia da própria obra, poderíamos considerar os dois quadros "A virgem dos rochedos" de Leonardo Da Vinci e também Os quadros "Maja vestida" e "Maja nua" de Goya.



Leonardo Da Vinci. *Virgem dos Rochedos*. 1483-1486. Óleo sobre madeira. 199x122cm. Museu do Louvre, Paris



Leonardo Da Vinci. *Virgem dos Rochedos*. 1495-1508. Óleo sobre madeira. 189,5x120cm. Galeria Nacional, Londres

Em ambos exemplos os artistas criaram obras originais, mas que por algum motivo precisaram ser refeitas. Há nos dois exemplos, contudo, ressalvas que foram feitas no segundo em relação ao primeiro quadro, o que podíamos dizer que descaracteriza a cópia. Porém, há mais semelhanças que diferenças entre as obras de modo que toda vez que uma é citada ampara-se na outra que também acaba sendo mencionada. Uma hipótese ainda é que mais do que criar uma obra com o mesmo motivo e mesmo querendo fazê-las diferenciar, o artista tenha se baseado na segunda vez que pintou no primeiro quadro do que no motivo propriamente dito, e neste caso, o segundo seria uma cópia do primeiro.

Francisco Goya - Maja vestida - 1801 – 1803 - Óleo sobre tela
95x190 cm - Museu do Prado, Madrid

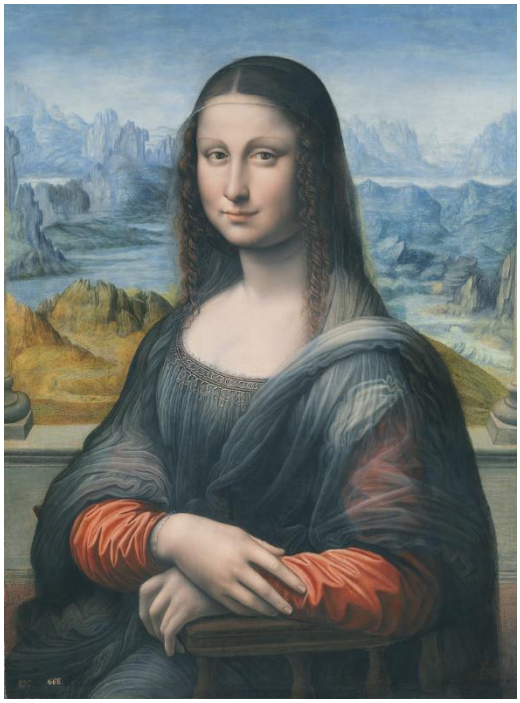


Francisco Goya - Maja nua - 1798 – 1800 - Óleo sobre tela
97x190 cm - Museu do Prado, Madrid



Já a prática de cópia dos mestres é uma recorrente. Artistas faziam cópias de outros artistas já consagrados por meio da observação de seus quadros nos ateliês e nos museus. Essa era considerada uma forma de aprender técnicas de pintura. O que faz destes casos, apesar da recorrência, uma curiosidade, é que depois que os artistas "copistas" tornavam-se também consagrados suas cópias não eram dispensadas e da mesma forma estão nos museus.

Aqui poderíamos citar, por exemplo, a obra “Mona Lisa”, atribuída a Andrea Salai ou Francesco Melzi, aprendizes de Da Vinci que na mesma época em que o mestre produzia sua obra prima, fez dela uma cópia (um deles).



Obra anônima - (atribuída a Andrea Salai ou Francesco Melzi) - Mona Lisa
1503-1519 - Óleo sobre painel de madeira nogueira - 76,3x57 cm - Museu do Prado, Madrid

Outras cópias históricas que poder-se-ia citar são as que Van Gogh fez de Millet. Embora o contexto de ambas cópias, a de Salaiou Melzi e as de Van Gogh, ter sido o mesmo: aprender pintura, o que as difere é que no primeiro caso o artista não conseguiu consagrar-se pintor conhecido, já as cópias de Van Gogh servem para ressaltar o seu estilo, o seu diferencial, mostrando que apesar de copiar Millet, Van Gogh tinha a própria forma de pintar. Hoje Van Gogh e suas obras, mesmo as de cópia, se tornaram mais famosos do que Millet.



Vincent Van Gogh - a sesta (depois de Millet)- 1890
Óleo sobre tela - 73x91 cm - Musée d'Orsay - França

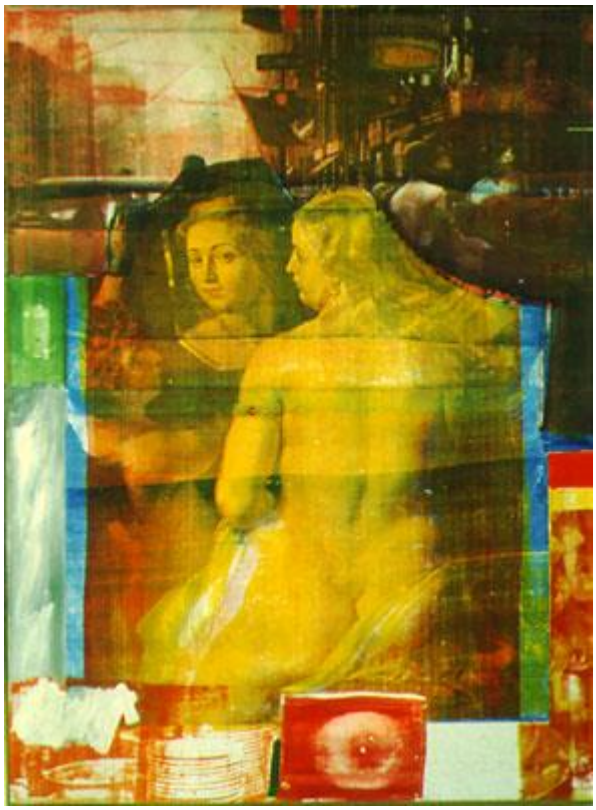


Jean-François Millet - Descanso ao meio dia - 1866
Giz pastel sobre papel - 29,2x41,9 cm - Museu of fine arts - Boston

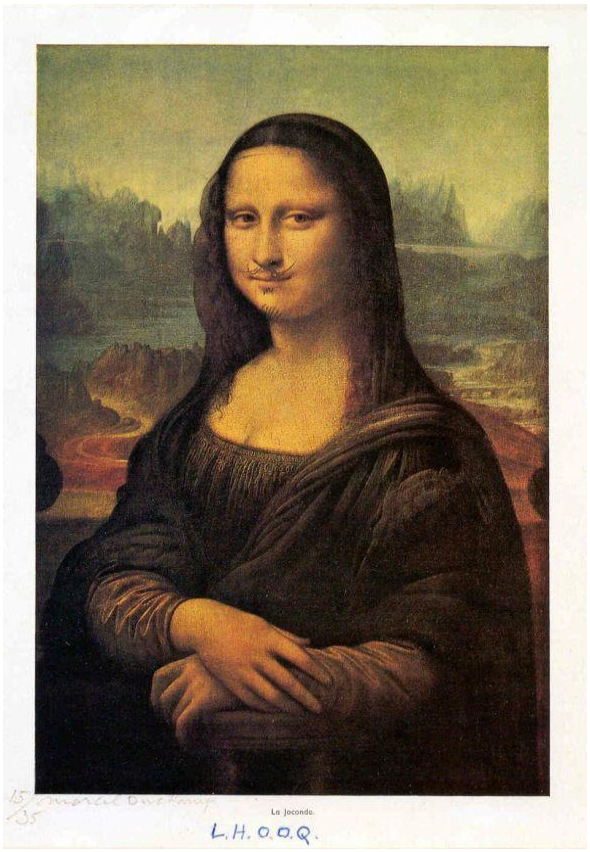
Há que se considerar ainda os artistas que usaram reproduções gráficas em suas obras da pintura de outros artistas. Assim fez Rauschenberg com Rubens e Duchamp com Da Vinci. Essa técnica (assemblage) acabou sendo incorporada na história da arte como uma possibilidade de produção artística em uma época em que reproduzir é tão comum.

E por fim, existem obras que fazem da repetição uma condição para sua originalidade. Originalidade e cópia, nestes casos não se contrapõem, mas tornam-se complementares como característica de uma época em que a difusão de imagens (reproduzidas) são praticamente uma necessidade de consumo. Assim se fizeram algumas obras principalmente na arte pop. Entre os artistas brasileiros pode-se ressaltar como exemplo, a obra “Bandeira-poema” (Seja Marginal, seja herói) de Hélio Oiticica, na qual a obra é uma bandeira a ser estampada, ou ainda, Cildo Meireles em “Inserções em circuitos Ideológicos”, obra que se consagrou como uma mensagem incutida em objetos do cotidiano e que pela repetição tinha o intuito de tornar-se comum também no cotidiano, despertando, contudo, nas pessoas que notavam suas intervenções, uma reflexão.

Em todos esses casos há um valor artístico e de mercado nessas obras, desconsiderando a característica da cópia como um problema, ao contrário, muitas vezes o fato de ser cópia tornou-as um referencial.



Robert Rauschenberg
Persimmon
1964



Marcel Duchamp

Combinação e pintura sobre tela
Galeria Neo Castelli
Nova York

L.H.O.O.Q.
1919
Ready-made
Centro Georges Pompidou



Hélio Oiticica
Bandeira-poema
(Seja Marginal, seja Herói)
1968
Serigrafia
94 x 114cm
Projeto Hélio Oiticica, Rio de Janeiro



Cildo Meireles
Inserções em circuitos Ideológicos: projeto cédula
1975
Carimbo sobre cédula

CONCLUSÃO

Usar a palavra “cópia” parece gerar um problema nas artes visuais, podendo tomar uma proporção de plágio, contudo, observa-se que ela, na verdade, foi absorvida históricamente em diversas situações, a começar pelas obras de referência do clássico na Grécia antiga.

Para que não se chamasse de cópia toda obra que imita outra, hoje, muitas vezes usa-se o termo “releitura” o que pressupõe que um artista possa inspirar-se em outro, mas mudando as características de estilo. O termo releitura, portanto, poderia ter sido usado aqui para referir-se a algumas obras como, por exemplo, a obra de Van Gogh em relação a Millet, porém, este termo é atual e há que se considerar que na época em que a obra foi realizada o artista tinha como intuito imitar a obra daquele a quem admirava, ou seja, queria copiá-lo.

Entende-se então, que o ato da cópia não é visto como um problema para os artistas, pois ela pode de algum modo agregar um valor histórico ou de mercado, ou ainda, de estilo.

Há que se considerar ainda outras questões como o fato do artesanato ser considerado uma arte menor por ser desenvolvida em série, ou em cópias, o que a partir da análise feita aqui não seria uma característica para desmerecê-lo. E assim sendo, onde seria o lugar, ou melhor dizendo, onde se enquadra o *kitch* e as cópias que derivam dentro dessa cultura da reprodução? Essas e outras questões, no entanto, poderão ser verificadas mais adiante, o caminho começou a ser trilhado a partir da análise sobre como a cópia se constitui dentro da arte.



REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. Trad. Denise Bottmann e frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

ARISTÓTELES. Arte Poética. Disponível em http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2016/04/ARTE-POETICA-ARISTOTELES.pdf. Acesso em 08/08/2018

BENJAMIN, Walter. A obra de Arte na era da reprodutibilidade técnica. Disponível em http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/babel/textos/benjamin-obra-de-arte-1.pdf. Acesso em 08/08/2018

CALABRESE, Omar. Idade Neobarroca. Trad. Carmem de Carvalho e Athur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978

HAUSER, Arnold. Historia social de La Literatura y el Arte: desde el Rococó hasta la época del cine. Madrid: Editora Debate, 1998

JANSON, H. W; JANSON,Antony F. Iniciação à história da arte. Tra. Jefferson Luiz Camargol. são Paulo: Martins Fontes, 1996

PLATÃO. A República. Disponível em http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf. acesso em 08/08/2018

SÊGA, Christina Maria Pedrazza. O Kitch está Cult. Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12445/1/ARTIGO_KitschCult.pdf. Acesso em 08/08/2018